

## O Espelho de Dana

Prof. Dra. Flávia Regina Marquetti\*

UNESP de Araraquara

### **Resumo**

Realizar um estudo comparativo entre as divindades femininas gregas e as celtas: seja as suas atribuições, a origem de seus nomes e seus feitos - tendo como base as narrativas literárias.

Palavras-chave: Divindades femininas, Narrativa mítica, Deusas gregas e celtas

### **Résumé**

Achever un étudier comparative parmi les déesses féminins grecque et celtique : soit one à eux allocations , dans les lieu de naissance comme de votre homonyme et votre acquisitions ayant que une base les narrative littéraire.

Mots-clès: Déesse féminin, Narrative, Déesses Grecque et Celtique.

No princípio era o Caos.

Para os gregos, a origem do mundo e de tudo está nesse espaço/tempo infinito, que contém todos os germes ou princípios geradores de vida é o Caos. O termo grego é traduzido para o português no masculino, enquanto que, na língua de origem, é neutro. O conceito de Caos marca o indiferenciável, mas não o excludente, nem masculino, nem feminino, mas sim o abrangente, o feminino e o masculino juntos, somados. Caos é também o abismo inferior, a obscuridade infinita, uma larga abertura, uma caverna, um antro ou um sorvedouro. Essa segunda parte da definição de Caos, pouco observada na maioria das vezes, remete diretamente a dois outros termos de mesmo radical ( *khaf-*): a *khaunos* e a *kháskho*. *Khaunos* é um adjetivo que indica o que não é fechado, o que é poroso, esponjoso, o que é dilatado; ao passo que o verbo reflexivo *Kháskho* significa abrir-se, fender-se, rachar-se, referindo-se a terra, às sementes, às conchas e mariscos, como também às feridas e às chagas (Magnein, 1969).

Tomando essas duas possibilidades em conjunto, a de princípio gerado e a de abismo, abertura que se abre por vontade própria (reflexivo), observa-se uma convergência na definição de Caos para com a da Deusa Mãe paleolítica, princípio de vida, abertura, caverna, útero de onde provém não só o homem, mas toda a natureza. Senhora absoluta, ela é fonte de tudo. Nesse período, o consorte da deusa é pouco figurado, nas raras representações, ele é o touro ou o bisão.

As Vênus, do Paleolítico até o Neolítico recente, primam por uma representação naturalista, de formas esteatopígeas nas quais os seios, o púbis e o útero e as nádegas resumem, definem o feminino. O realce dado aos caracteres sexuais secundários nas figuras das Vênus indica um paralelo com o lexema *mãe* nas diversas línguas indo-européias. O termo além de indicar mulher ou fêmea que deu à luz um ou mais filhos, recobre ainda os sentidos de *matriz, fonte, origem, útero e seio, e o de nutriz*. Isso permite definir o lexema *mãe* e as figuras das Vênus paleolíticas a partir das funções: gerar e nutrir. Essas duas funções, interligadas no inconsciente humano desde tempos imemoriais, só podem ser percebidas como ações ligadas ao feminino e, em decorrência disso, as noções de fertilidade e fecundidade também estão ligadas ao feminino (1).

Portanto, se o feminino, a mãe é definida a partir de sua capacidade de gerar vida e nutri-la, e essa capacidade é figurativizada pelo útero e pelos seios, a vulva assume nessa representação o papel de abertura, abismo inferior que liga a fonte de vida, útero, Caos, ao mundo exterior. A vulva corresponde, no imaginário pré-histórico, às aberturas da Terra-Mãe-Natureza de onde sai a vida, animais, peixes, aves, plantas e o próprio homem.

O Caos grego, analisado sob essa perspectiva, equivale à potência geradora inscrita no feminino e à figura da Deusa Mãe, obscuridade infinita, abismo inferior fonte de vida.

A nossa língua guarda ainda hoje, sob a capa do uso cotidiano, traços dessa equivalência entre a mulher e a terra ou a mulher e a água, são metáforas já desgastadas que comparam a mulher a terra a ser arada, à lavoura, à gleba, ou à fonte, a manancial de beleza, prazer etc. A relação mulher/terra ou mulher/água resulta da práxis de cada povo, do território habitado por eles e da forma como exploram o meio para sobreviver. Povos que têm na agricultura sua principal fonte de alimento cultuam uma deusa terra, povos que vivem da pesca e/ou da navegação possuem uma deusa das águas primordiais, pois é delas que retiram a vida, como é nelas que também a perdem.

Deusa da terra ou das águas, ela geralmente está associada às profundezas e à serpente, quando seus santuários não estão localizados nas grutas, estão no cimo das altas montanhas, próximos a fontes ou lagos. Invariavelmente seus locais de culto estão nos limites entre o mundo civilizado e o não civilizado ou selvagem, quer seja este a

floresta, o mar ou o deserto. Senhora dos limites, ela os guarda e os franqueia, impondo sua vontade aos homens.

Desde o Paleolítico, são seus atributos as cornucópias, as flores, os frutos, o cinto ou faixa adornada, que traz junto ao púbis, e o diadema ou coroa. É assim com Epona, ou Devona, a Divina, Senhora das águas, essa deusa celta é representada com a parte inferior do corpo coberta, os seios nus, nos cabelos um diadema e montada sobre um cavalo. A seu lado um jumento ou potro que, por vezes, a deusa amamenta. São seus atributos a cornucópia e as frutas e ela preside a fecundidade do solo (Grimal, 1963: 6-8). Semelhante a Epona é Rhianon, a Grande Rainha, às vezes caracterizada como uma deusa jumento. Rhianon, segundo Markale (1976: 203), é uma rainha do mundo inferior, Senhora dos mortos, do outro mundo, do Abismo, do Inferno. A raiz de seu nome, *Ana, Anaon, ou Anaoun*, comum a diversas divindades celtas, como Epona, e Dana, a grande mãe do povo celta (2), indica aquela que habita sob a terra, nos cemitérios, nas ilhas perdidas do oceano. Como Epona, ela é uma deusa cavaleira, é a deusa da noite.

Essas Senhoras apresentam um conjunto de características comuns às Vênus Paleolíticas/Neolíticas e que também está presente nos mitos gregos, como os de Deméter e Perséfone, o de Afrodite e/ou Ártemis.

As caracterizações mais arcaicas dessas deusas gregas apresentam-nas de seios nus, tendo nas mãos frutos – a romã, símbolo do mundo ctônico, da fertilidade e do poder germinativo; a maçã e o marmelo, símbolos do útero/seio e, portanto, equivalentes à romã – além de cereais ou a própria cornucópia (Marquetti, 2001: cap. 1).

Ao representar as deusas celtas, gregas e pré-históricas com os seios nus e trazendo frutos nas mãos, ou caindo das pregas de suas vestes, é estabelecida uma ligação entre as deusas e o poder gerador da terra e das águas. Dos seios da mãe vem o primeiro alimento do homem, daí a equivalência entre estes e os frutos, quer seja pela forma de ambos quer seja por seu sumo, líquido precioso que sustenta a vida. As frutas, enquanto armazenadoras de sementes e co-responsáveis pela sua germinação, também equivalem ao útero feminino, que guarda e nutre o feto, propiciando seu desenvolvimento.

Além da relação com os frutos, às deusas gregas e celtas guardam uma estreita ligação com o mundo ctônico. Perséfone, filha de Deméter, é a Senhora do Hades, a semente raptada pelo deus dos Infernos e que germina na primavera, quando volta a terra juntamente com as flores e os frutos; tal qual Rhianon, Perséfone governa as almas ou espectros dos mortos, que equivalem às sementes enterradas no solo.

Senhoras dos limites entre a vida e a morte, Perséfone, Rhianon, Epona, assim como Ártemis, a deusa curótrofa, e Afrodite regulam a entrada das jovens na puberdade, as meninas deixam suas vidas de ursas selvagens, ao cuidado de Ártemis, na corrida ritual, quando despem o manto/véu cor de açafraão (3) e passam aos cuidados de Afrodite e/ou Atena, que as educarão até o casamento.

O véu cor de açafraão ou cor de fogo é um dos apanágios de Afrodite, deusa do amor erótico, nascida das espumas do mar e que pode ser aproximada à figura de Morgana, que segundo Markale (1976: 201), teria como uma das possibilidades etimológicas para o seu nome o de *nascida do mar*. Igualmente, o manto enviado por Morgana a Artur, para se vingar da morte de Acolon, é um manto de fogo. Tal qual outras personagens gregas ligadas a Afrodite e consideradas “bruxas”, como Medeia, punem, vingam a perda do amado com um véu cor de fogo. O véu, símile do hímen na simbologia grega do casamento, é o limite entre a vida ofertada pela deusa e o mundo criado a partir dela, sob seu aspecto benéfico; mas sob seu aspecto terrível é a morte, a

privação de fertilidade e fecundidade, a castração – transpor esse limite tanto pode levar à vida quanto à morte e essa se dá, muitas vezes, sob o signo do fogo, elemento abrasador que inviabiliza qualquer possibilidade de vida.

Os amantes dessas deusas também apresentam características comuns, como os consortes das deusas paleolíticas e neolíticas, eles são associados ao touro, ao leão e ao cavalo, animais reconhecidos por sua pujante virilidade; no plano cósmico, eles são o poder devastador, mas também fecundador do fogo, quer seja o do sol, quer seja o do raio. Insígnia de poder, o raio e o sol têm seus valores transferidos para as armas, como é o caso do duplo machado cretense ou o martelo do Deus do trovão, as lanças, as espadas etc. Conferindo ao amante da deusa um estatuto de guerreiro valoroso, é o caso de Ares, senhor da guerra, amante de Afrodite, como outros senhores da morte suas cores são o negro e o vermelho e sua função é a de proteger e fecundar a deusa. Função perigosa que coloca em risco não só a virilidade do consorte, mas também sua vida.

As deusas gregas ou celtas assumem simultaneamente os papéis de mães e de amantes de seus consortes. Mães porque em muitos rituais eles descem às suas entranhas, a terra ou lago, para de lá renascerem divinizados, ou lá perecerem. É o caso de Zeus, que se oculta na gruta do Ida e lá se une à grande Mãe e/ou às ninfas; e de Merlin e Viviane, associada à Diana Cítica, que encerra seu amante numa tumba (Grimal, 1976: 178). Em todos os casos o amante se oferece livremente à deusa, é de seu sacrifício voluntário, de sua união com a deusa (hierogamia), que resultará a fecundidade da terra e dos homens.

Ambivalente como a deusa, a serpente a ela associada é um réptil ligado a terra e às águas, como o dragão, ela guarda a fonte sagrada e a fonte da imortalidade. O feminino, a lua e a serpente compõem um conjunto que, desde a pré-história, tem inscrito na espiral, na concha-vulva o sentido da regeneração, da reintegração e do ciclo da vida. Entre as deusas serpentes temos Tiamat, deusa suméria das águas salgadas; Medusa, deusa grega que é metade mulher, metade serpente e que traz víboras no lugar de cabelos e ainda a Ártemis arcádica, Hécate, Perséfone e a própria Afrodite, que é descrita no Hino Homérico como a deusa de faces de serpente (I, 173-5). Enquanto o poeta usa o termo *prósupa*, face, para Anquises, príncipe troiano e amante de Afrodite, para esta utiliza *pareia*, palavra que no jogo sonoro/etimológico aproxima face de serpente e é essa deusa de faces de serpente que se assemelha a Citeréia, um dos nomes dados a Afrodite, mas que tem ligações com *keútea*, esconderijo, profundezas, usado geralmente para indicar as profundezas da terra, ou ainda de uma tumba, ou designar o mundo subterrâneo. Se a beleza antes apresentada era um convite ao prazer, a que se mostra após a união é terrível e ctônica, ligada à morte e à escuridão. À semelhança da serpente, da víbora, a deusa pode devorar seu amante, transformando o gozo em morte; seu convite ao prazer é também um convite a descer às profundezas da terra, às suas entranhas, uma vez que Afrodite é *como Citeréia*, a terra negra e profunda que guarda o grão/semente em sua morte cíclica para depois o fazer renascer. Senhora da morte e da fecundidade, daí sua associação com a serpente e com o sexo. E mesmo Eva, segundo Gresmann, é uma deusa fenícia arcaica do mundo subterrâneo, que é personificada pela serpente (Eliade, 1981: 182). No universo mítico bretão encontramos Melusina, fada meio mulher meio serpente, que apesar de seu tronco serpentino é bela e atraente (Markale, 1976: 161).

A serpente assume em muitos rituais um papel importante, epifania da Deusa ou da união desta com o Céu, a serpente é um veículo de purificação. Um exemplo é os porcos consagrados a uma divindade serpente de Creta, que, posteriormente, nas Skiros e Temosfórias áticas, eram consagrados a Deméter e Perséfone, substitutas da deusa-serpente e como estas deusas ctônicas ligadas à fecundidade vegetal e animal. Os porcos

eram atirados em um antro profundo da terra, cheio de serpentes e depois de uma semana os restos dos animais eram recolhidos pelas mulheres, estes restos eram usados para fertilizar o solo e propiciar as colheitas. As mulheres que desciam ao antro muitas vezes eram picadas pelas serpentes e morriam em decorrência desses ferimentos, nesses casos eram vistas como vítimas sacrificais das deusas.

Deusas ligadas à escuridão e, portanto, à noite e à lua, as divindades ctônicas são também divindades lunares, pois as fases da lua são um símile dos ciclos da natureza, de nascimento, vida e morte, em decorrência disso, essas divindades são também divindades funerárias, como atesta Rhianon, Perséfone, Hécate e Afrodite Melaina, a negra.

A escuridão não só se associa a terra, mas também às águas profundas, dessa forma, é comum ver-se a espiral e a concha associadas a essas deusas. A ondulação harmoniosa das águas é vista como um ciclo de vida, daí a concha e a espiral – círculos harmoniosos que se prolongam ritmicamente ao infinito, tendo como centro o umbigo/útero/sexo da Deusa Mãe – serem utilizados como epifania da deusa. Inscritos nas paredes de cavernas, rochas ou pedras votivas, a espiral, a concha, a serpente e os cornos do touro (cujo formato é o da lua nova) consagram o local, indicando a presença da deusa e de seu poder fertilizador.

Inúmeros são os pontos de contato entre as representações das Deusas Mães gregas e celtas, como de outras culturas, os itens aqui explorados são apenas alguns exemplos que buscam suscitar a curiosidade do leitor para o assunto. Muitas das reflexões aqui apresentadas são fruto das discussões feitas pelo Grupo Acadêmico “Pensamento e Lógica das Sociedades Tradicionais”, que tem como proposta primeira possibilitar a troca de informações entre pesquisadores de diversas áreas, cuja linha de pesquisa centre-se na compreensão das lógicas de sociedades não ocidentais, que possam explicar efetivamente as transformações diacrônicas sofridas pelas culturas e as passagens do “pensamento selvagem” ao “domesticado”, na própria cultura ocidental.

## Bibliografia

- BELL, Maurice. *Druidas, Heróis e centauros*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Iattiaia, 1959.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História de las religiones. Morfología Y dinámica de lo sagrado*. Madrid: Cristiandad, 1981.
- GRIMAL, Pierre (org.). *Mythologies des montagnes, des forêts et des îles*. Paris: Librairie La Rousse, 1963.
- HOMERO. *Hymnes*. Trad. Jean Humbert. Paris: Les belles Lettres, 1967.
- HUSAIN, Shahrukh. *Divindades femininas*. Köln: taschen, 2001.
- MAGNEIN, Victor & LACROUX, Maurice. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Eugène Belin, 1969.
- MARKALE, Jean. *La femme celte. Mythe et Sociologie*. Paris: Payot, 1976.
- MARQUETTI, Flávia R. *Da Sedução e outros perigos: O Mito da Deusa Mãe*. Araraquara, 2001. Tese de doutorado em Letras – UNESP – Universidade Estadual de São Paulo.
- STURLVSON, Snorri. *Textos Mitológicos de las Eddas*. Edición preparada por Enrique Bernardez. Madrid: Ed. Nacional, 1982.

## Notas

\* Bolsista da FAPESP de pós-doutorado e docente da UNESP de Araraquara.

(1) Para uma análise pormenorizada da figuratividade das Vênus Paleolíticas e Neolíticas e sua relação com a Terra-Mãe cf. MARQUETTI, F.R. À luz do fogo. Uma herança arcaica: da pré-história à cultura Creto-Micênica. In: \_\_\_\_\_. *Da sedução e outros perigos: O mito da Deusa Mãe*. Tese de doutoramento pela UNESP – Araraquara, 2001.

(2) Os celtas se denominam de *Tuathá Dé Dana*, Povo da Deusa Dana. Campos, L. (reunião do Grupo Acadêmico “Pensamento e Lógica das Sociedades Tradicionais” – Araraquara). Comunicação pessoal, 2002.

(3) A cor do açafraão é restrita às prostitutas, aos sacerdotes de Cibele, aos galias, às jovens ursas de Ártemis e à própria deusa Afrodite. (cf. MARQUETTI, 2001, cap. 1).